

OUTRAS FIGURAS DO  
BELO MONTE

José Calasans

## NOTÍCIAS DOS PROFESSORES

Em certa fase de sua vida, no Ceará, quando ainda era Antonio Vicente Mendes, o futuro Santo Conselheiro exerceu o magistério primário. Na fazenda Tigre, distante oito léguas de Quixeramobim, sua vila natal, após a liquidação da casa comercial herdada do pai, ensinou Português, Aritmética e Geografia (Abelardo Montenegro, 15: p. 22). Na missão de condutor de gentes sertanejas, Antonio Conselheiro se mostrou interessado em proporcionar ensino aos meninos do séquito. Assim ocorreu no arraial do Bom Jesus, assim sucedeu no povoado do Belo Monte, duas localidades importantes na geografia do conselheirismo. No citado arraial, abriu-se uma aula primária regida por um homem vindo de Santo Amaro da Purificação, João Gomes dos Reis Monteiro, frequentada por crianças do local e das redondezas. Marcos Dantas de Menezes, que conhecemos octogenário na atual cidade de Crisópolis, filho de proprietário da zona, Mateus José de Menezes, dono da fazenda Curral Fácil, foi um dos alunos do santo-amarense. A escola durou pouco. O mestre-escola bebia muito e, por isto mesmo, foi afastado de sua tarefa, retirando-se do lugar. Posteriormente, em Canudos, também o Conselheiro patrocinou o funcionamento de uma aula, mantida pelo próprio líder carismático. O regente da classe era do Soure, chamava-se Moreira, casado com Dona Lolô. Morreu antes da guerra. Assim nos falou Ciriaco.

Teria sido substituído por uma moça, que morava na baixada do Belo Monte, por detrás do cemitério, na rua chamada, por sua causa, da *Professora*. Manuel Benício (02: p. 170) registrou seu nome, Maria Francisca de Vasconcelos, morena arisca, com 23 anos de idade, cursara a Escola Normal da Bahia, onde adquirira instrução. A família impedira seu casamento com um moço de origem plebeia. Fugiram os dois do Soure e foram viver na cidadela do Bom Jesus Conselheiro. Uma menina sobrevivente, Maria Guilhermina, em 1954, confirmando que a professora era do Soure, disse-nos ainda estar viva uma das suas irmãs.

Garantiu-nos, todavia, que o nome da professora era Maria Bibiana. Negou sua preparação na Escola Normal de Salvador. Pereceu no decorrer da campanha.

Euclides da Cunha não levou a mestra sertaneja para o livro consagrador. Anotou, porém, na Caderneta de Campo (Euclides da Cunha, 04: p. 23) alguma coisa a seu respeito. Bonita moça, cabocla, mulata (?), abandonada pelo marido.

Na escola, havia aula todos os dias e era mista. Cada menino pagava 2.000 réis por mês e eram muitos os alunos (Caderneta, 23). Um deles, Isidro, caboclo, 10 anos, filho legítimo de Paulo Francisco e Fortunata Maria de Jesus, figura na relação dos menores recolhidos pelo Comitê Patriótico. Inteligente, vivo, aproveitado na escola de Canudos por sua vivacidade, Isidoro voltou para o seio dos seus parentes, moradores em Genipapinho (Lellis Piedade, 17: p. XXX).

Teria havido outra professora, Marta Figueira, que escapou do morticínio, vindo morar na capital baiana. Morreu em 1944, no bairro da Calçada, aos 78 anos. A informação consta do livro de Edmundo Moniz (13: p. 129).

No seu Libelo Republicano, César Zama escreveu, defendendo os jagunços de Canudos: “Havia ali escola pública e tal ou qual policiamento. Os delitos correcionais, Antonio Conselheiro os punia lá a seu modo (Wolsey, 23: p. 53).

A nota abona a existência de ensino na comunidade canudense. Vale como reconhecimento do interesse do Conselheiro na formação dos seus seguidores.

## LEÃO DE NATUBA, SECRETÁRIO DE CONSELHEIRO

Leão de Natuba aparece destacadamente no romance de Mário Vargas Llosa, *A Guerra do Fim do Mundo*. É o secretário de Antonio Conselheiro. O devoto que recolhe as palavras do Pai Conselheiro, colocando-as no papel. Não se trata de um tipo criado pelo romancista peruano, embora, naturalmente, o escritor houvesse recriado, a seu modo, a singular personagem. Leão de Natuba não foi conhecido cá fora nos tempos da guerra. Nenhum jornal mencionou seu nome. Não figurou nos livros escritos logo após o término do conflito. Surgiu, graças às informações de Honório Vilanova, participante dos acontecimentos, alguns anos decorridos. A revelação foi feita a Abelardo Montenegro (15: em 1954) e a Nertan Macedo (11: em 1964). O primeiro registrou, no livro *Antonio Conselheiro*: “Mantinha um secretário – Leão da Silva, – a quem ditava seu pensamento sobre religião, provavelmente, pois ninguém tinha notícias do conteúdo dos cadernos que, em sua maior parte, desapareceram na voragem da guerra”. No *Memorial de Vilanova*, Nertan Macedo consignou duas pequenas notas sobre o escriba, que lhe foram fornecidas pelo memorialista. Numa menciona Leão da Silva, vindo de Natuba; noutra, fala em Leão de Natuba, homem muito devoto, com boa caligrafia, a quem o Conselheiro ditava ou mandava copiar trechos de caráter religioso. O apelido Leão de Natuba parece indicar a procedência do jagunço letrado. Teria vindo de Natuba, depois Soure, atualmente Nova Soure, no nordeste da Bahia. Recolhemos, porém, informações diferentes. O famoso jagunço Pedrão garantiu-nos que ele era de Campo Alegre, lugarejo no município de Monte Santo. Pedrão conhecera pessoalmente Leão Ramos ou Leão da Silva, que trabalhava na casa comercial de Antonio Vilanova, a maior do povoado. Confirmou suas ligações com Antonio Vicente Mendes Maciel, de quem era compadre. Também o Dr. Arnaldo Ferreira, engenheiro do Departamento de Obras Contra Secas, que durante longos anos morou em Canudos, tornando-se grande sabedor da história sertaneja, ouviu de Romão Ramos, sobrinho de Leão Ramos, que o tio era de

Tucano (Bahia) e desfrutava da amizade do Conselheiro. Morreu durante a guerra, quando também pereceu um dos irmãos chamado Roseno. Três outros irmãos moraram em Canudos – José, Manuel e Saturnino. Manuel Ramos, que se destacou na luta, ainda vivia em 1955, aparecendo nas feiras de *Euclides da Cunha*, outrora Cumbe. Romão Ramos residia em Canudos no ano acima citado. Seu depoimento deve merecer crédito. Em verdade, as divergências de nomes e lugares não são de maior valia. O importante é a unanimidade dos informes a respeito do papel que o quase biografado desempenhou junto ao Bom Jesus Conselheiro. Lamentável, todavia, que nada houvésemos apurado sobre sua formação intelectual.

## MANUEL QUADRADO, O TRATADOR DO CONSELHEIRO

Manuel Quadrado, segundo Pedrão, era de Chorrochó, interior da Bahia, na zona de São Francisco, onde o Conselheiro construía uma das suas melhores igrejas. Certamente ali se incorporou ao bando do Santo. Profissão “oficial de couro”. Curtidor de couro. Trabalhava em couro, tendo, portanto, matéria-prima abundante no Belo Monte, onde abundavam bodes e cabras. Tornou-se conhecido, porém, pela sua atividade de enfermeiro. Chamavam-no, por isto, o *tratador do Conselheiro*. Cabia-lhe, nos tempos da paz, medicar os doentes e, no decorrer da guerra, tratar dos feridos. O desempenho da tarefa lhe dava *status* no meio canudense. Honório Vilanova declarou a Abelardo Montenegro que Quadrado era uma “espécie de curandeiro” (Abelardo Montenegro, 15: p. 41). Não poderia ser de outro modo. No seu ambiente, deveria misturar mezinhas e rezas. Euclides da Cunha, enfatizando informações do menino Agostinho, um dos primeiros jaguncinhos presos, transmitiu, para os leitores do Estado de S. Paulo, que “Manuel Quadrado era um homem tranquilo e inofensivo; curandeiro experimentado, debelando as moléstias, mercê de uma farmacopéia experimental, conhecendo de todas as folhas e raízes benéficas, vivendo isolado num investigar perene, pelas drogarias inexauríveis e primitivas das matas” (Euclides da Cunha, 05: p. 38). Fecunda imaginação do ensaísta, projetada também nas linhas de *Os Sertões*, quando o *tratador* é apontado como “um tipo adorável”, “vivendo num investigar perene pelas drogarias primitivas das matas” (Euclides da Cunha, 06: p. 202). Manuel Benício (03: p.169) diz apenas que ele era enfermeiro, acrescentando, mais adiante, que conhecia muitas mandingas contra cobra (03: p. 253). Sua medicina era boa. Contou-nos Honório que fora por ele medicado e com sucesso. Também foi um combatente.

Findou-se no mesmo dia da morte do Conselheiro, a 22 de setembro de 1897 (Euclides da Cunha, 04: p. 22), numa quarta-feira. Euclides obteve a informação

de Bernabé José de Carvalho, jagunço forte, que acompanhou Antonio Beatinho na hora da rendição de muitos velhos, crianças e doentes. Teria sido degolado. Uma das suas filhas, Adalgisa, então com três de idade, guardou a vida inteira a impressão terrível do ato da degola, a que ela assistiu. O cadáver do pai estava na igreja quando os soldados ali chegaram. Vestia-se como o Conselheiro e usava longas barbas. A tropa fez confusão, pensando que Manuel Quadrado era Antonio Conselheiro. No livro de Optato Gueiros (09: p. 180) atribui-se a Pedrão as informações aqui registradas. Honório Vilanova contestou-as. Pedro Nolasco de Oliveira já não estava em Canudos quando se fez a exumação do cadáver de Antonio Conselheiro. Teria sabido da estória, considerada sem fundamento, através de terceiros. Nada conseguimos apurar concretamente. Pelo que sabemos, porém, da exumação do corpo de Antonio Vicente, encontrado num aposento do Santuário, identificado por pessoas que o conheciam bem, tornava-se difícil ocorrer o engano relatado na obra de Optato Gueiros.

Somente para guardar uma informação: por volta de 1854, morava no lugar Canudos, onde era proprietário de um pedaço de terra, Sebastião José Quadrado. Algum laço de parentesco?

## AS DENÚNCIAS DO NEGRO BADULAQUE

Teria sido a 18 de janeiro de 1895 e o caso foi registrado ao escritor cearense Abelardo Montenegro pelo velho jagunço Honório Vilanova. O Santo Conselheiro fazia uma das suas costumeiras pregações, religiosamente ouvido pelos seguidores. De repente, interrompeu o conselho. Silenciou durante alguns instantes. Quando recomeçou a falar, disse, em voz alta: “Oh! malvado, matar teu irmão para roubar e depois matou a mãe e até a criada”. Nada mais. Prosseguiu pregando, aconselhando. Os atentos ouvintes, porém, perceberam que Antonio Conselheiro, possuidor de dons divinatórios, vira alguma coisa, tivera certamente uma informação do céu.

Estavam certos... Na noite seguinte, chegou à casa de comércio de Antonio Vilanova, em Canudos, um forasteiro trazendo grande saco. Desconfiaram do tipo, que era desconhecido no arraial. Logo após sua chegada, apareceram, esbaforidas, umas pessoas da fazenda Formosa, localizada a 10 léguas, propriedade do coronel Ângelo dos Reis, abastado fazendeiro, cidadão generoso. Chamava-se Marcos de Tal o homem do saco e cometera os crimes dos quais o Santo Conselheiro tivera a visão perfeita no momento do seu conselho. O preto Marcos matara Ciriaco dos Reis, filho do coronel Ângelo. Assassinara, também, Catarina dos Reis, esposa do dono da Formosa. Sacrificava, por fim, uma criada da casa. Sucedera a matança quando o dono da fazenda estava viajando, em visita a outras propriedades (informações de Honório ao autor).

O criminoso, que roubara um conto e tanto, foi preso pela Guarda Católica, a milícia do Conselheiro, e entregue às autoridades policiais de Monte Santo. Respondeu o Júri e foi condenado, tendo cumprido pena na cadeia da Bahia, segundo reza a tradição. A importância roubada voltou às mãos do dono da Formosa. Ângelo dos Reis mandou o genro, Pedro Alves da Silva, e dois filhos,

Antão Alves dos Reis e Pedro Alves dos Reis, ao Belo Monte para recebimento da quantia, que foi entregue por Antonio Vilanova, conforme ordem do Conselheiro. Os netos e genro do coronel Ângelo estiveram com o comerciante Antonio da Mota, a quem estavam ligados por laços de parentesco, que os hospedou.

Não terminava aí a história trágica da Formosa. Dois anos decorridos, em plena guerra, foi preso no Cumbe (hoje Euclides da Cunha) um negro chamado Venceslau Dutra, Badulaque de alcunha, apontado como freqüentador de Canudos, adepto de Antonio Conselheiro. Um vagabundo, ébrio costumaz. Um mau elemento. Um sujeito capaz de representar muito bem a horda de criminosos de Canudos, segundo disseram os exaltados republicanos da região. Badulaque foi preso. Seria um espião do Conselheiro. Levaram-no do Cumbe para Monte Santo, onde teve que depor perante autoridade militar, assistida pelo juiz da comarca, Dr. Genes Martins Fontes.

Soltou a língua. Começou a denunciar muita gente, inclusive “homens bons da governança”. Pessoas que freqüentavam Canudos, que ajudavam o Conselheiro, forneciam víveres e armas. Cerca de 30 cidadãos ficaram envolvidos nas teias das denúncias do negro Badulaque. Muitos dos denunciados caíram nas malhas das autoridades e foram presos. Criou-se uma comissão para apurar as denúncias.

A gente da Formosa sofreu sérios constrangimentos. Badulaque declarou que os Reis possuíam até casa em Canudos, prova do bom relacionamento da família com o grupo conselheirista. Pedro Alves da Silva, seus filhos, Pedro e Antão, e um dos irmãos, João Alves da Silva, acusados como auxiliares de Antonio Conselheiro, foram recolhidos à prisão de Monte Santo, a 19 de julho de 1897. Prestaram depoimentos, que estão arquivados no Ministério do Exército, no Rio de Janeiro, onde tivemos ensejo de conhecer suas defesas. Pedro Alves da Silva explicou sua ida a Canudos para receber o conto e tanto roubado. Informou do bom entendimento de todos eles com os chefes das expedições militares contra o fanatismo do jagunço. Como o coronel Ângelo Reis, que se encontrava no Rio São

Francisco, longe portanto do teatro dos acontecimentos, não dispusesse de meios para interceder junto a amigos influentes, Pedro Alves e sua mulher, Maria Rosa de Jesus, filha de Ângelo dos Reis, escreveram ao Barão de Jeremoabo, Dr. Cícero Dantas Martins, a quem o proprietário da Formosa seguia politicamente. As cartas, guardadas no arquivo do Barão, refletem o e estado de angústia de uma família sertaneja. Também se dirigiu a Jeremoabo outro correligionário político, João Cordeiro de Almeida, pedindo sua interferência em favor das vítimas de Badulaque. Cícero Dantas Martins, pelo que revelam suas notas pessoais, tomou providências para ajudar os amigos. Como não era, porém, pessoa do situacionismo baiano, provavelmente ficou sem bom êxito sua intervenção.

Pedro Alves da Silva e seus parentes foram salvos pelo desembargador Napoleão Simões de Oliveira, da justiça paraense. O magistrado estava em Itiúba, gozando férias, na época das prisões. Era casado na família de Ângelo dos Reis. Um dos filhos de Pedro Alves, José Alves dos Reis, correu até Itiúba e trouxe o desembargador Napoleão de Oliveira para Monte Santo, onde se encontrava o coronel José Sotero de Menezes, comandante da brigada policial do Pará. O militar e o juiz eram amigos. Sotero de Menezes tirou da cadeia o pessoal de Ângelo dos Reis. É o que sabe e conta D. Débora Nonato Alves Lisboa, descendente de Ângelo dos Reis, residente em nossa capital.

E Badulaque? Qual foi o seu destino? Contra ele se organizou um forte grupo na vila do Belo Monte. Sabe-se que terminou seus dias como muitos outros jagunços: foi degolado.

## UM CERTO CAPITÃO JAGUNÇO

Valha-nos o romancista Érico Veríssimo na titulação do Verbete. Houve um certo “*capitão jagunço*, que no começo era favor e depois ficou contra a jagunçada. Foi e deixou de ser *conselheirista*. Um mascate, bom conhecedor das estradas e veredas do sertão, que durante algum tempo negociou no povoado do Belo Monte. Teria nascido na área do Baixo S. Francisco, talvez em Piranhas. Tinha parentes em Sergipe, segundo nos relatou o dr. Aristides da Silveira Fontes, médico, professor do antigo Ateneu Sergipense, pessoa bem-informada sobre gente sergipana. Jesuino Correia Lima, o conhecido capitão jagunço, estaria ligado por laços de parentesco ao ilustre político sergipano, o governador Seixas Dória, conforme nosso informante.

Homem trabalhador, Jesuino Lima andava negociando nos sertões. Foi para Canudos, como inúmeros outros comerciantes, porque o mercado era promissor, naquela época do conselheirismo ascendente. Fez bons negócios, vendendo fiado. Suas mercadorias tinham boa aceitação e o mercador boa lábia. Descobriram, porém, que ele tinha relações com a República. Era capitão da Guarda Nacional e Juiz de Paz na localidade onde morava. Denunciaram-no ao Conselheiro. Sofreu humilhações e terminou expulso do arraial, proibido de retornar às margens do Vaza-Barris. Além das humilhações, ou pior do que elas, o prejuízo financeiro. Perdeu mais de vinte contos de réis, enquanto montavam as dívidas dos seus fregueses. Denunciou à imprensa tudo que passara de desagradável no centro do “fanatismo” sertanejo. Fora expulso porque era republicano. Muitos anos depois, em Cocorobó, escutamos a versão do jagunço Pedrão. Jesuino tentara conquistar uma mulher casada e, por isto, foi obrigado a abandonar, correndo, o Belo Monte.

Vingou-se. Passou a ser guia das expedições contra Canudos. Conhecia muito bem as estradas do sertão, que prelustrara nas suas andanças de mercador. Guiou os soldados da expedição Febrônio de Brito, levando-os até o Rancho das Pedras (Euclides da Cunha, 06: p , 2.66). Bastava seu “olhar perspícuo de guia” para aclarar a rota. Acompanhou Pires Ferreira na sua .primeira expedição contra os jagunços, disse Euclides da Cunha (04: p. ~04) historiando a caminhada do coronel Moreira César. Uma quadra popular recorda sua ação ao lado do temível coronel César.

Capitão Moreira César

No seu cavalo alazão

Virava-se Jesuíno

Venceremos batalhão.

Vencido nas primeiras expedições, voltou a servir na derradeira tentativa para liquidar o Conselheiro. Acompanhou as dificuldades do general Artur Oscar, procurando reduzi-las na parte referente aos ínvios caminhos tão do seu conhecimento. Ficou até o fim, tendo sido um dos identificadores do cadáver de Antonio Vicente Mendes Maciel (Martins Horcades, 10).

Fora insultado pelo jagunço Pajeú, de quem guardou ódio. O general Artur Oscar, que conhecia a malquerença, quando o insultador caiu prisioneiro, chamou o capitão jagunço e disse-lhe: “Seu presunto está aí”. Degolaram-no.

Porque era capitão da Guarda Nacional, ganhou o apelido de *capitão jagunço*, vencendo, durante a guerra, o soldo do posto. O romancista Paulo Dantas, euclidiano de boa têmpera, encontrou no velho Jesuíno inspiração para um romance, intitulado “Capitão Jagunço”.

Voltou às Alagoas algum tempo após o término da campanha fratricida. Vital Soares, a propósito de um novo depoimento que ele deveria prestar numa ação do dr. Paulo Martins Fontes, para indenização de prejuízos resultantes da guerra, diz que Jesuíno estava em Alagoas, porém ninguém sabia o lugar.



do cadáver de Antônio Vicente Mendes Maciel (Martins Horcades, 10).

Fora insultado pelo jagunço Pajeú, de quem guardou odio. O general Artur Oscar, que conhecia a malquerença, quando o insultador caiu prisioneiro, chamou o capitão jagunço e disse-lhe: "Seu presunto está aí". Degolaram-no.

Porque era capitão da Guarda Nacional, ganhou o apelido de *capitão jagunço*, vencendo, durante a guerra, o soldo do posto. O romancista Paulo Dantas, euclidiano de boa têmpera, encontrou no velho Jesuino inspiração para um romance, intitulado "Capitão Jagunço".

Voltou às Alagoas algum tempo após o término da campanha fratricida. Vital Soares, a propósito de um novo depoimento que ele deveria prestar numa ação do dr. Paulo Martins Fontes, para indenização de prejuízos resultantes da guerra, diz que Jesuino estava em Alagoas, porém ninguém sabia o lugar.

*Segundo conta, em suas memórias, o brasileiro sbarcas, Pajeú havia incendiado a propriedade de Jesuino e matado pessoas de sua família. O "capitão jagunço" jurou vingança que conseguiu alcançar. Com suas mãos imoner, quando tentava fugir do cerco da tropa federal, o terrível combatente conselheirista. Obrigados, com sargento utilheias, havia participado da campanha. Sua informação merece crédito.*